

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

Fim do analfabetismo exige nova postura educacional

Em números absolutos, o analfabetismo aumentou no País. Atualmente, há 30 milhões de habitantes que não sabem ler e escrever. O "Vereda", Centro de Estudos em Educação, fundado com o apoio do professor Paulo Freire, continua formando grupos de professores especializados em alfabetização e seus integrantes entendem que o problema só poderá ser solucionado, no Brasil, se, em primeiro lugar, o governo aplicar mais verbas em Educação e se os docentes forem treinados para uma nova postura com relação ao aluno e à comunidade.

José Carlos Barreto, sociólogo, pesquisador do grupo "Vereda", assinala que os grupos de educadores que se formam em todas as cidades, interessados na alfabetização, não conseguirão a solução desse problema, tal como fracassou o próprio Mobral.

"O Mobral — diz ele — vê a escola de modo acadêmico, sem perceber que ela não está montada para atender as necessidades do adulto. O adulto quer aprender tudo que se relaciona com seu mundo: se seu filho pode ser "trombadinha" e como evitá-lo; como funciona seu corpo e o universo etc. A escola não lhe oferece essas informações: Como resultado, temos o abandono do estudo, o sentimento de que não se consegue aprender nada."

Mas a comunidade continuará a se mobilizar para a alfabetização, uma vez que ela representa fator de sobrevivência para as pessoas. Isso não significa, entretanto, como observa a pedagoga Vanda Rosa Borges, do "Vereda" e que leciona na PUC de São Paulo, que a escola seja desnecessária: "mesmo sendo requisitada pela população, o fato é que a escola, com suas 20 mil classes de alfabetização na rede estadual, não está conseguindo atingir seus objetivos."

Isso se dá, segundo ela, porque reina enorme desprezo pela especialidade educacional de alfabetizar e não existe

assessoria suficiente para mudar essa situação. Os professores são mal remunerados nas duas primeiras séries do 1º grau e, na primeira oportunidade, mudam-se para séries seguintes. As classes, além disso, são superlotadas e "o que vemos é o aumento do número de adolescentes com até quatro anos de escolaridade, que permanecem analfabetos".

Método

O método criado por Paulo Freire, para alfabetizar, diz Barreto, tem sido mal interpretado: Freire nunca fez uma "cartilha" e nunca afirmou que, em três meses, o alfabetizando saberia ler e escrever e teria consciência política: "existe educador que se fixa na palavra 'tijolo' como chave de alfabetização, nas capitais, quando se usam blocos de cimento, cada vez mais, nas construções".

Paulo Freire — diz ele — não oferece uma técnica, mas uma filosofia de Educação. O fundamental é entender que quem aprende e quem ensina são sujeitos no processo: "Não há obedecer ou mandar, mas trabalhar juntos, em relação dialógica." O docente e o aluno, nessa filosofia, têm papéis distintos a desempenhar e o educador também se educa, no processo, ao estabelecer uma relação não autoritária com o educando, sem ingenuidade: "Essa mudança funciona, na prática, em quatro meses, no máximo, o aluno está alfabetizado."

Além disso — diz Selma Pimenta, também do "Veredas" — o ensino, nessa postura, não fica rebaixado de nível, porque "se o docente conhece o mundo do aluno, ele não pára aí."

"O Mobral — observa ela — trata o adulto como se fosse criança. Não dá sequer exercícios específicos para o desenvolvimento da psicomotricidade do adulto, acostumado com pás, picaretas, panelas e vassouras e que vai enfrentar a tarefa de dominar um lápis."